

Dezenas de medicamentos contra o coronavírus estão em desenvolvimento - o que acontece a seguir? - Resumo por Amanda Rossi

Dezenas de medicamentos contra o coronavírus estão em desenvolvimento - o que acontece a seguir?

Fabricantes de medicamentos enfrentam problemas na cadeia de abastecimento à medida que aumentam a capacidade de produção para atender à demanda global

Publicado em 14 de maio de 2020

RESUMO EM PORTUGUÊS:

Após o desenvolvimento de tratamentos eficazes contra a COVID-19, o próximo problema será intensificar processos complexos de fabricação. É provável que este seja um dos maiores desafios que o mundo já enfrentou em relação à produção de medicamentos.

Cientistas estão testando uma grande variedade de tratamentos contra a COVID-19. Alguns deles podem levar muitos meses para serem produzidas, como pequenas moléculas experimentais como o remdesivir. O medicamento, que já havia sido testado contra o vírus da Ebola, se mostrou eficiente para reduzir em alguns dias o tempo de recuperação de pacientes graves de COVID-19. Apesar de ainda não representar "a cura" da doença, o remdesivir pode ajudar a liberar leitos mais rapidamente e representar um alívio para sistemas de saúde sobrecarregados.

Também é possível que tratamentos já conhecidos, com produção mais simples, se mostrem eficientes contra a COVID-19. Além disso, os cientistas estão buscando tratamentos com anticorpos que reduzem a resposta imune do corpo - em alguns pacientes graves de COVID-19, a própria resposta imune se torna destrutiva e precisa ser contida. É possível ainda que precisemos de combinação de medicamentos para domar o novo coronavírus.

O aumento da capacidade de produção vai implicar em diferentes desafios para cada tipo de tratamento. A Gilead, fabricante do Remdesivir, já está trabalhando nisso. A empresa está tentando reduzir de produção de grandes lotes do medicamento - de 9 a 12 meses para 6 a 8 meses. Além disso, está procurando mais opções de fornecedores para os produtos químicos

necessários para produzir o medicamento. A expectativa é, até o final do ano, produzir uma quantidade suficiente de Remdesivir para tratar um milhão de pessoas.

O que torna as coisas mais difíceis é que, nas últimas duas décadas, a indústria tem buscado reduzir os estoques - tanto de matérias-primas como de produtos acabados. Além disso, as empresas têm procurado fornecedores de matérias-primas de baixo custo, em países como China e Índia. Em um cenário de pandemia, esses países podem restringir a exportação para preservar os produtos para uso interno.

No caso de medicamentos como o Remdesivir, feitos a partir de moléculas pequenas, a produção envolve três estágios. A primeira produz o ingrediente ativo. A segunda modifica o medicamento para torná-lo estável e permitir que seja prontamente absorvido pelo organismo. A terceira fase embala os medicamentos em frascos ou comprimidos.

Já no caso de tratamentos mais complexos, a produção pode ser mais complicada. É o caso proteínas ou anticorpos. Um dos anticorpos que está sendo pesquisado, chamado Tocilizumab, já foi aprovado contra algumas formas de artrite. A produção é feita em cultivadas em cultura, mais frequentemente em células de ovário de hamster chinês.

No entanto, mesmo que as empresas aumentem suas capacidades de produção, a demanda por tratamentos contra a COVID-19 será tão alta que, provavelmente, os suprimentos iniciais dos produtos vão acabar. Isso aumenta a importância de definir quem vai ter prioridade no acesso aos tratamentos.

No caso do Remdesivir, a Gilead destinou 40% do seu estoque - o suficiente para tratar 78.000 pessoas - para os Estados Unidos. A Gilead também assinou acordos com cinco fabricantes de medicamentos genéricos. Eles estão autorizados a produzir e distribuir o Remdesivir em 127 países que têm recursos limitados [o Brasil não é um deles], sem pagar royalties.

Essa não é a primeira vez que surgem preocupações a respeito do acesso a medicamentos contra pandemias. Em 2009, durante a pandemia de H1N1, houve uma corrida entre os países para estocar o medicamento antiviral Tamiflu. Agora, porém, há sinais de que os problemas serão mais difíceis e duradouros. "Enfrentaremos esse problema por vários anos", diz Ezekiel Emanuel, bioético da Universidade da Pensilvânia, EUA.